



ONTOLOGIA HERMENÊUTICA E NIILISMO: O ENFRAQUECIMENTO DA VERDADE E A ABERTURA À PLURALIDADE

Hermeneutic ontology and nihilism: the weakening of truth and the opening to plurality

Douglas Willian Ferreira*
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
DOI: 10.29327/256659.14.2-3

RESUMO:

Neste artigo se faz uma análise do conceito de niilismo. A partir das tantas compreensões, busca-se apresentar o processo de enfraquecimento das verdades absolutas que resultam em novas possibilidades de experiência da religião, sobretudo, do cristianismo. A partir da pesquisa bibliográfica das obras de Gianni Vattimo, dialogou-se com outros autores contemporâneos a fim de entendermos o processo da eventualidade do ser e da dissolução dos valores e verdades metafísicas que sustentam certo fundamentalismo e dogmatismo filosófico e religioso. Para isso, faz-se importante compreender o papel da hermenêutica nesse processo de abertura à pluralidade e da linguagem como garantia de significação da vida e da existência.

Palavras-Chave: Niilismo; Enfraquecimento do ser; Hermenêutica; Pluralidade.

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Autor do livro: *Ágape e Liberdade: fundamentos para uma espiritualidade laica e enfraquecida*. Professor. E-mail: douglasinvictus@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao contrário daquilo que caracteriza a modernidade, a ontologia hermenêutica do pensamento de Gianni Vattimo aponta para o processo de enfraquecimento das verdades absolutas na pós-modernidade. Primeiramente, esse enfraquecimento se dá como ontologia da atualidade, no qual Vattimo apresenta a pós-modernidade como o acontecer do pensamento débil¹. Nessa trajetória, identifica-se a ontologia da atualidade como a condição pós-moderna, por excelência. Todavia, é necessário aprofundar essa ontologia, que no âmbito da hermenêutica, direciona para o niilismo e para a eventualidade do ser.

A partir de então é possível entender o que Nietzsche quis dizer com a fabulação do mundo, e identificar o além-do-homem (*Übermensch*) como aquele que é capaz de realizar tal superação da verdade em sua conotação mais forte, como sustentação de discursos infalíveis e inquestionáveis.

Finalmente, é possível entender, a partir desse princípio hermenêutico e niilista, como Vattimo formula sua ideia de história influenciado, sobretudo, pelo eterno retorno de Nietzsche e sua relação com a história da salvação.

¹ Débil é sinônimo de fraco, isto é, trata-se da proposta de pensamento enfraquecido elaborada por Vattimo. Em *Acreditar em acreditar* (1998) o autor afirma que pensamento débil “significa não tanto, ou não essencialmente, uma ideia do pensamento mais consciente dos seus limites, que abandona as pretensões das grandes visões metafísicas globalizantes, etc.; mas sobretudo uma teoria do debilitamento como traço constitutivo do ser na época do fim da metafísica” (Vattimo, 1998, p. 25). Segundo Zabala (2007, p. 17), “a história do poder político no Ocidente nada mais é do que um enfraquecimento das estruturas fortes de poder: da monarquia absoluta ao estado constitucional e democrático, da interpretação bíblica autoritária da Igreja à Bíblia do povo, conforme traduzida por Lutero. Se ‘interpretar’ nada mais é do que uma forma de enfraquecer as estruturas fortes da presença de um objeto ‘lá fora’ (o ‘real’), então a era pós-moderna não é apenas a idade em que os perigos éticos dessa identificação são reconhecidos, mas também a era que marca o retorno religioso do cristianismo”. Texto original: “The history of political power in the West is nothing but a weakening of Strong structures of power: from absolute monarchy to the constitutional and democratic state, from the authoritarian biblical interpretation of the Church to the Bible of the people as translated by Luther. If ‘interpreting’ is nothing but a form of weakening the Strong structures of the presence of na object ‘out there’(the ‘real’), then the postmodern age is not only the age when the ethical dangers of this identification are recognized but also the age that marks the religious comeback of Chistianity” (Zabala, 2007, p. 17).

AINDA SOBRE ONTOLOGIA: A NOVA CONCEPÇÃO HERMENÊUTICA

Vattimo, Nietzsche e Heidegger tem em comum uma constatação de que o niilismo é o principal caminho para se chegar à dissolução dos valores e verdades metafísicas. Isso implica, como foi visto, numa nova ontologia em que o ser não se identifica com o ente nem com a objetividade que resulta do mundo técnico. Poderíamos dizer que se trata de uma ontologia niilista, que pensa o ser como evento e isso resulta, segundo Vattimo, em “escutar as mensagens que provêm de tais épocas, e aquelas, ademais, que provêm dos outros, dos contemporâneos: as culturas dos grupos, as linguagens especializadas, as culturas ‘outras’ com que o Ocidente se encontra em meio de seu empreendimento de domínio e unificação do planeta” (Vattimo, 1991, p. 11).² Quer dizer, trata-se de uma ontologia que lê os sinais dos tempos e que está absorvida pelo acontecer, sem se prender demasiadamente, como fez o pensamento metafísico, na ideia de que o ser se dá plenamente e sem mediações. Aparece, assim, a temporalidade como um elemento crucial para o desenvolvimento de um pensamento ontológico. Aplicando essa temporalidade à história, é possível superar a ideia de um desenvolvimento histórico unitário e progressivo resultado do pensamento metafísico; por outro lado, aplicando a temporalidade ao sujeito, tem-se uma nova concepção do ser humano que, enquanto *Dasein*, não é uma presença, mas um sendo, uma eventualidade.

Findada qualquer objetividade do ser e do *Dasein*, e estando este lançado na existência, resta-lhe estar atento aos apelos do ser reconhecendo que a resposta que é dada a tal apelo sempre é histórica. Portanto, a relação estabelecida entre o *Dasein* e o ser se dá num mundo histórico-cultural e se resolve a partir da linguagem que é histórica e que o ser humano adquire historicamente. Desse modo, a hermenêutica assume a finitude herdada da própria linguagem, apontando para os limites de se afirmar verdades absolutas, diluindo-as no acontecimento. Assim se delinea a nova ontologia hermenêutica, que não busca aquilo que de fato as coisas são, a essência ou a precisão do objeto, mas, diz Vattimo (2002, p. 82), “o acontecer do ser é, antes, na ontologia fraca heideggeriana, um evento inaparente e marginal, de pano de fundo”. Tendo enfraquecida a possibilidade de acesso ao ser a partir

² Texto original: “Escuchar los mensajes que provienen de tales épocas, y aquellos, además, que provienen de los otros, de los contemporáneos: las culturas de los grupos, los lenguajens especializados, las culturas ‘otras’ con que Occidente se encuentra en medio de su empresa de dominio y unificación del planeta” (Vattimo, 1991, p. 11).

da verdade enquanto correspondência do enunciado à coisa, o que se tem é a experiência da verdade enquanto experiência linguística.

Vattimo se dedica em *Verdade e retórica na ontologia hermenêutica*, capítulo que compõe a terceira parte de sua obra *O fim da modernidade* (2002), a tratar desse novo modo de o ser humano encontrar a verdade num horizonte que é estabelecido pela linguagem. Todavia, em *Ética da interpretação* (1991) o autor já considerava como resultado de uma ontologia hermenêutica o acesso à verdade como monumento. Com isso, evidencia-se que essa nova ontologia, ao contrário do que possa parecer, não se consoma num relativismo ou irracionalismo que exclui a verdade como uma sua possibilidade. Do contrário, para Vattimo (1991, p. 166), “a descrição da existência como interpretação parece implicar, de raiz, uma concepção da verdade em termos de projeto”,³ ou seja, a verdade hermenêutica não tem o caráter da verdade científica. Essa verdade utiliza-se da retórica, na medida em que não pretende demonstrar objetividade ou coagir as pessoas a acreditarem nela. A verdade, para a hermenêutica, não se reduz à adequação. O próprio conhecimento científico deixa de ser compreendido como adequação tornando-se resultado da articulação da pré-compreensão que o *Dasein* tem do mundo, a partir de uma linguagem.

A possibilidade dessa nova concepção de verdade é resultada do novo modo como a hermenêutica pensa o ser, como propõe Heidegger, e da valorização da linguagem nesse processo, como aponta Gadamer. Desse modo, somadas a proposta de Heidegger e Gadamer, delinea-se essa ontologia hermenêutica em que o ser se dissolve na linguagem sendo identificado com ela. Essa valorização da linguagem é uma superação daquela visão platônica de que a palavra, sendo apenas nome, não poderia representar o verdadeiro ser. Segundo Gadamer, em *Verdade e Método* (1999), a palavra é posta em dúvida pela filosofia grega, sobretudo em Platão que vê nela uma cópia da verdadeira realidade, tendo em vista que ela seria problemática em estabelecer a relação entre as palavras e as coisas sendo, portanto, incapaz de significar algo. Continua ele: “através dela o modelo do nome se converte em antimodelo. O nome que se outorga e que pode ser mudado é o que motiva que se duvide da verdade da palavra” (Gadamer, 1999, p. 590). Ou melhor, sua mutabilidade implica num distanciamento da verdade como correspondência, isso porque, a veracidade ou a falsidade da palavra se dá na medida em que ela se subordina ou não à coisa. Neste

³ Texto original: “La descripción de la existencia como interpretación parece implicar, de raíz, una concepción de la verdad en términos de proyecto” (Vattimo, 1991, p. 166).

ponto, a linguagem aparece como uma experiência que o ser humano faz do mundo, nomeando os objetos, mas também, se comunicando com os outros. Essa experiência linguística aponta para a mutabilidade da verdade que a palavra carrega desvinculando-a daquela imobilidade e estabilidade defendida pela metafísica, como se ela fosse dotada de um significado absoluto. No entanto, o significado resulta da aplicação da palavra num contexto dialógico: ela tem uma função de referência ou de representação feita pelo sujeito.

Desse modo, sendo o *Dasein* constituído existencialmente de uma significatividade sempre aberta das coisas, na medida em que é sua condição ontológica a possibilidade de compreender, interpretar e significá-las, como Heidegger defende; e sendo a linguagem um despregar-se da verdade absoluta, porque comporta mutabilidade de sentidos dos conceitos e a própria experiência que o ser humano faz do mundo, como quer Gadamer, então o ser, enquanto evento, identifica-se com essa linguagem enquanto mudança. Daí Gadamer (1999, p. 703) afirmar que “o ser é linguagem, isto é, representar-se – tal como se nos abriu na experiência hermenêutica do ser”. Nesse sentido é que se pode dizer, de uma ontologia hermenêutica, na qual o encontro com a verdade se dá num horizonte estabelecido pela linguagem e que é partilhado entre a obra e o *Dasein*. Com isso, a linguagem se apresenta como exteriorização do discurso, e segundo Heidegger (2005, §34, p. 220) enquanto abertura existencial do *Dasein*, porque “o discurso é constitutivo da existência do *Dasein*, uma vez que perfaz a constituição existencial de sua abertura. A escuta e o silêncio pertencem à linguagem discursiva como possibilidades intrínsecas”. Disso decorre então que a escuta e o silêncio são constitutivos do discurso que caracteriza a “existencialidade da existência” (Heidegger, 2005, §34, p. 220). A partir desses pressupostos, a compreensão de Vattimo sobre a linguagem se torna mais clara. Afirma o autor:

[...] a linguagem não é tanto, ou antes de tudo, aquilo que o indivíduo fala, mas aquilo pelo que o indivíduo é falado. É sobretudo enquanto sede, ou lugar, de realização do concreto, do *ethos* comum de uma determinada sociedade histórica, que a linguagem serve de mediação total da experiência do mundo. Mais ainda que de linguagem, portanto, poder-se-ia falar de uma língua historicamente determinada. Nela, vivenciamos aquele mundo “que possuímos e compartilhamos, o qual abraça a história passada e o presente e recebe sua articulação linguística nos discursos que os homens se dirigem reciprocamente”. É esse mundo compartilhado e articulado na *língua* que possui as características da racionalidade; com ele se identifica

o logos, entendido ao mesmo tempo como linguagem e racionalidade do real (Vattimo, 2002, p. 132. Grifos do autor).

Dessa maneira, a linguagem se apresenta como o lugar da mediação entre o ser humano e o mundo, de tal modo que o fato de estar-no-mundo é compreensivo e se expressa no discurso que a linguagem garante. Ela também permite que o ser humano possa falar de sua experiência do mundo e tornar compreensível essa experiência. De fato, a escuta também é possibilidade do discurso, por isso, aponta Heidegger (2005, §34, p. 222, grifos do autor) que “escutar é o estar aberto existencial do *Dasein* enquanto ser-com os outros. Enquanto escuta da voz do amigo que todo *Dasein* traz consigo[...]. O *Dasein* escuta porque compreende”. Essa atitude de escuta, um dos componentes do diálogo estabelecido entre os seres humanos, pode também ser estendida como uma experiência entre o ser e *Dasein*, em que o ser faz um apelo e se mostra na linguagem que é interpretação, inserção no mundo, diálogo, escuta. Essa é a garantia da eventualidade do ser, uma vez que “o evento do ser acontece, em primeiro lugar e fundamentalmente na linguagem” (Vattimo, 1989, p. 136). Portanto, o modo de se superar a metafísica acontece através do enfraquecimento das estruturas fortes por meio da identificação entre o ser e a linguagem, de tal modo que, o ser que podemos captar é a linguagem, não considerando-a apenas um instrumento de manipulação ou mesmo de comunicação. Assim, partindo do ponto de vista finito do *Dasein*, a linguagem confere ser às coisas.

O ser das coisas deixa, por consequência, de ser instrumentalidade, mostrando-se como acontecimento, interpretação. A ontologia hermenêutica, destarte, pensa o ser de uma maneira diversa daquela como a tradição o concebeu. Esse ser, enquanto eventualidade, é aquilo que o ser humano consegue captar enquanto falante. Desse modo é que se pode compreender o enfraquecimento da verdade, que no âmbito hermenêutico passa a ser entendida como retórica, ou seja, reconhecendo que as evidências se inserem num horizonte hermenêutico e, portanto, são interpretações. Isso, contudo, não coloca a hermenêutica como proposição de uma nova verdade, todavia, os conteúdos que a verdade hermenêutica traz não pretendem retroceder em relação à ciência nem mesmo romper com aquilo que a tradição conquistou. A verdade não é algo que se pode encontrar, mas, segundo Vattimo (2002) uma experiência a que pertencemos. Desse modo, a consideração de Gadamer de que “o ser que pode ser compreendido é linguagem” (Gadamer, 1999, p. 687) manifesta essa nova concepção da verdade como retórica que valoriza a linguagem comum

como o meio em que ela se mantém e renova, apontando para sua substancial continuidade com a tradição. Completa Vattimo (1991, p. 62): “O pensamento hermenêutico põe o acento na pertinência de observante e observado a um horizonte comum e, na verdade, como evento que, em diálogo entre os dois interlocutores, ‘põe em obra’ e modifica, por sua vez, tal horizonte”.⁴ Assim, se apresenta nessa concepção hermenêutica a importância das formas simbólicas que resultam das vivências do sujeito, inserido num contexto cultural e pondo de lado as pretensões absolutas que reivindicam a verdade em suas interpretações.

Em Gadamer já aparece essa importância do simbólico que Vattimo, levando às últimas consequências, associa ao niilismo nietzschiano. Grondin no ensaio *Vattimo’s latinization of hermeneutics: why did a Gadamer resist postmodernism?* (2007) [A latinização da hermenêutica de Vattimo: por que Gadamer resistiu ao pós-modernismo?] reconhece a importância de Vattimo na promoção da hermenêutica alemã, principalmente, porque foi o responsável por fazer tão conhecido os pensamentos de importantes autores germânicos como Nietzsche, Heidegger e Gadamer. Num período pós-guerra que ainda mantinha viva as lembranças do pensamento político nazista, aproximar-se de certos filósofos germânicos não era bem visto por setores da academia e da opinião pública. Vattimo não se preocupou com os possíveis rótulos. Inclusive, desenvolveu seu trabalho sobre Schleiermacher orientado por Gadamer, e posteriormente, traduziu a obra *Verdade e Método* para o italiano abrindo o mundo latino às obras de Gadamer, colocando-o inclusive, como um dos principais autores estudados na Itália. Para Grondin, Vattimo foi ainda mais audacioso ao desenvolver uma concepção otimista do niilismo e desenhado as consequências democráticas do pensamento de Nietzsche e Heidegger. Um filósofo alemão que tivesse produzido essa análise talvez seria rechaçado do meio acadêmico. Grondin indica, nesse ensaio, para o fato de que não foram somente as traduções de Gadamer e as interpretações de Nietzsche e Heidegger as contribuições de Vattimo à filosofia contemporânea. Ele estabeleceu de modo convincente a ligação entre a corrente do niilismo hermenêutico com a tradição cristã.

Por último, Grondin aponta para uma análise da visão vattimiana de que hermenêutica é niilismo, pautado no entendimento de que niilismo “significa somente uma tolerância

⁴ Texto original: “El pensamiento hermenéutico pone el acento en la pertinência de observante y observado a un horizonte común, y en la verdade como evento que, en el diálogo entre los dos interlocutores, ‘pone en obra’ y modifica, a la vez, tal horizonte” (Vattimo, 1991, p. 62).

ao ponto de vista dos outros na medida em que eles não fazem violentamente limite a liberdade dos outros” (Grondin, 2007, p. 205).⁵ Vattimo se refere à questão do niilismo não somente para dizer da autocontradição da negação da verdade, mas também para destacar a tese de Gadamer que diz que o ser que pode ser entendido é linguagem. Isto é, segundo Grondin, quando Vattimo soma o niilismo à hermenêutica ele quer, no fundo, afirmar que as coisas humanas não podem ser entendidas por elas mesmas, ou nelas mesmas, mas a partir do que é dito sobre elas. Desse modo, há uma perspectiva histórica que perpassa o conhecimento. Em seu ensaio, Grondin enfatiza que Gadamer não levou essa hermenêutica niilista até as últimas consequências, primeiramente porque não alargou o papel de Nietzsche em seu pensamento como o fez Vattimo.⁶ Gadamer se limita às contribuições de Schleiermacher, Dilthey e mesmo Heidegger, para os quais a verdade é a tarefa primeira da hermenêutica, enquanto Nietzsche mina essa verdade. A proposta hermenêutica de Gadamer é afirmar a verdade no real das humanidades e na experiência da arte e da linguagem. Vattimo, no entanto, não lançou Nietzsche ao esquecimento e defendeu que somente à luz de sua tese de que “não há fatos, somente interpretações”, é que se pode fazer hermenêutica. Para Grondin (2007, p. 207), “os pós-modernistas sempre tendem a usar essa sentença de Nietzsche para frustrar ou ‘enfraquecer’ a afirmação de verdade da interpretação: toda interpretação é somente um modo de ver o mundo, existem e devem existir outros”⁷. Segundo ele, Vattimo foi mais heideggeriano que Gadamer, uma vez que Vattimo enfatiza a natureza interpretativa e linguística da experiência humana. Contudo, vale ressaltar, contrário ao que Grondin aponta, e indo além dele, que também Gadamer enfatiza essa natureza interpretativa e linguística da experiência. Todavia, o passo de Vattimo rumo à ontologia, é uma marca mais evidente de sua diferença com Gadamer. Uma vez que Gadamer não se preocupou com as questões referentes ao esquecimento do ser e sua eventualidade quando

⁵ Texto original: “Means only a tolerance for the view of others to the extent that they do not violently limit the liberty of others” (Grondin, 2007, p. 205).

⁶ Vattimo reconhece essa limitação do pensamento de Heidegger e de Gadamer em entender Nietzsche como um filósofo da Ontologia hermenêutica, por seu niilismo. Segundo ele, “nem Gadamer nem, de forma mais sutil, Heidegger parecem ter consciência das implicações niilistas da hermenêutica ontológica” (Vattimo, 2010, p. 139).

⁷ Texto original: “The postmodernists often tend to use this sentence of Nietzsche to thwart or ‘weaken’ the truth claim of interpretation: every interpretation is only one way of seeing the world there are and should be others” (Grondin, 2007, p. 207).

desenvolveu sua filosofia hermenêutica. Posto isso, não existem argumentos que se aproximam mais da verdade. Alguns podem ser mais úteis e bem receptivos, mas isso não faz deles mais verdadeiros. Grondin aponta para o fato de que Gadamer se recusou em afirmar um niilismo hermenêutico resistindo a seus seguidores pós-modernistas. Mas, Verdade e Método, continua ele, pode ser lido como uma hermenêutica niilista na medida em que, segundo essa obra, não há entendimento sem certas concepções prévias e, mesmo nela, se encontra afirmado que a história não pertence ao ser humano, mas é o ser humano que pertence a ela. Interessa agora, entender esse caráter niilista que constitui a hermenêutica.

COMPREENDENDO O NIILISMO

Vejamos então os modos como se pode compreender o niilismo para, então, associarmos esse conceito à proposta de enfraquecimento e compreender a qualificação niilista da hermenêutica.

O NIILISMO ENQUANTO VERDADE ABSOLUTA

No pensamento de Vattimo, niilismo não se reduz a ser uma dissolução de valores, trata-se de uma ontologia que ultrapassa a metafísica. Dessa elucidação, é necessário enfatizar que uma hermenêutica niilista não é, por isso, isenta de uma responsabilidade ética e política⁸. Em *Ética de la Interpretación* (1991) [Ética da Interpretação] Vattimo afirma que o niilismo não deve ser entendido estritamente

como filosofia da dissolução dos valores, da impossibilidade da verdade, da renúncia e da resignação; mas antes como uma autêntica ontologia nova, como um novo pensamento do ser, capaz de ultrapassar a metafísica (entendida esta no sentido de Heidegger: pensamento que identifica o ser com o ente, e, por fim, com a objetividade do objeto calculado e manipulado pela ciência-técnica) (VATTIMO, 1991, p. 10).⁹

⁸ Como uma influência do senso comum, e talvez também do cristianismo, não é raro encontrar pessoas que apontam o niilismo como uma decadência moral do ser humano. Essa concepção, influenciada pelo pensamento grego e cristão, resulta daquela ideia de que o fundamento da ética e da moral é algo metafísico e, por isso, de que a moral está relacionada à natureza do ser humano expressando sua realidade profunda e sua essência. Desse modo, sendo o niilismo a negação de qualquer valor metafísico, derivam daí uma destruição de todos os valores éticos e com isso, de toda responsabilidade ética e moral.

⁹ Texto original: “Como filosofía de la disolución de los valores, de la imposibilidad de la verdad, de la renuncia y de la resignación; sino más bien como una auténtica ontología nueva, como un nuevo pensamiento del ser, capaz de ultrapasar la metafísica (entendida ésta en el sentido de Heidegger: pensamiento que identifica el ser

No contexto da ontologia hermenêutica elucidada acima, o niilismo não carrega a força da verdade metafísica, tendo em vista que, se assim o fosse, ele seria uma reafirmação dessa estrutura que visa superar. Enquanto dissolução de valores, o niilismo se apresentaria como uma contra utopia, tão forte como a utópica concepção de progresso, usando-se da atmosfera catastrófica que resultou do progresso e da técnica desmedida e irrefletida.¹⁰ Em sua obra *O niilismo* (1999), Volpi faz uma análise acerca desse conceito e as múltiplas conotações dadas a ele por diversos pensadores. Nessa dissecação, Volpi (1999, p. 8) afirma que “o niilismo constitui, assim, uma situação de desnorteamento provocado pela falta de referências tradicionais, ou seja, dos valores e ideais que representavam uma resposta aos porquês e, como tais, iluminavam a caminhada humana”. Restaria ao niilista, nesse contexto, uma verdade: a falta de sentido absoluto, o nada, a valorização e o culto da negação.

Os valores antigos não são mais capazes de ordenar a vida, e o ser humano se vê impossibilitado de criar valores. O niilismo é esse hiato. Entre um mundo em ruínas e outro ainda por construir. Nessa lógica, o ser humano encontra-se incapacitado de escolher, sonhar e projetar, porque sente a ausência de referenciais. Tudo parece desconexo e as respostas até então criadas para dar sentido à vida, mostram o lado oposto da moeda, e se tornam uma negação dela. No âmbito das novas descobertas científicas da modernidade, Pascal deixa claro esse sentimento de nadificação e chega a afirmar o pavor do ser humano diante do infinito que se abre: “Eis o que vejo e o que me perturba. Olho para todos os lados e por toda parte só vejo obscuridade. A natureza não me oferece nada que não seja objeto de dúvida e de inquietação” (Pascal, 1979, p. 93). Quer dizer, o sujeito moderno cria uma concepção de ordem universal, não mais ligada a uma ideia do Deus Criador e organizador do universo, posto que a ciência reinterpreta essa ordem a partir de leis e experimentações

con el ente, y, en ultimo término, con la objetividad del objeto calculado y manipulado por la ciência-técnica)” (Vattimo, 1991, p. 10).

¹⁰ Há entre autores contemporâneos, e aqui se exemplifica a partir do filósofo francês Luc Ferry, uma compreensão de niilismo enquanto algo que está carregado de fortes convicções. Em sua obra *A revolução do amor* (2012), o autor se justifica desse modo: “Em Nietzsche [...] o niilismo é justamente aquilo que está carregado de convicções fortes e nitidamente morais. É aquele que possui valores transcendentais, ideais superiores, quaisquer que eles sejam – religiosos, metafísicos ou leigos, humanistas ou materialistas, pouco importa. Por que empregar esse termo, cuja raiz latina remete à ideia de *nihil*, nada, de não existência? Simplesmente porque para Nietzsche, os ideais, todos os ‘ídolos’, como ele os chama, trazem a estrutura metafísico-religiosa do além, oposto a este mundo, do céu, sempre usado para ‘destruir’ a Terra e lançar sobre ela um olhar negativo. Isto é, os valores transcendentais e provedores de sentido, dos quais Nietzsche anuncia o crepúsculo e o fim próximo (‘a morte de Deus’), são inventados pelos humanos para dar um significado à vida, para se consolar de sua dureza, logo, em muitos aspectos, para recusá-la tal como ela é, quer dizer, para negá-la” (Ferry, 2012, p. 182).

empíricas. E as respostas encontradas pelo ser humano são ainda perturbadoras: o espaço é infinito, o cosmos é ilimitado, o ser humano é ínfimo diante de tais grandezas e percebe que quanto mais busca conhecer, pouco sabe, porque “o finito se aniquila na presença do infinito e torna-se um puro nada” (Pascal, 1979, p. 94). Essa grandeza da natureza é assustadora e o ser humano tenta esgotar um conhecimento sobre o mundo que nunca termina. O cosmos é sobretudo caos, ou seja, um espaço em que não há mais a segurança do saber. Sobre esse sentimento diz Volpi (1999, p. 16):

No universo físico da cosmologia moderna, não lhe é dado mais viver, e sentir-se em casa, como no cosmo antigo e medieval. Agora o universo lhe parece estranho a seu destino individual. Assemelha-se a uma cela apertada em que sua alma se sente prisioneira ou a uma infinitude sem nome que a intranquiliza. Diante do silêncio eterno das estrelas e dos espaços infinitos que lhe são indiferentes, o homem está só consigo mesmo. Não tem pátria.

Volpi descreve bem essa falta de sentido, no qual, as verdades construídas pelo racionalismo, pelo humanismo e pelas outras formas de pensar da modernidade são fortes, porém, sua ausência deixa o sujeito moderno perdido em meio a tudo aquilo que ele mesmo construiu. O excesso de respostas parece nada responder uma vez que desvela diante do sujeito a pequenez e fragilidade de si e de suas descobertas, fazendo-o sentir-se sempre como um estranho que habita também um lugar desconhecido.

O niilismo pode ser entendido também como a falta de finalidade das ações do ser humano e a inovação das técnicas, desenfreada e sem lógica, apontam para isso. Ou seja, ao se perguntar pelo “para que” de uma escolha, de uma ação ou mesmo de uma criação tecnológica as respostas não são substanciais e, talvez, até difíceis de serem dadas. Parece não haver motivo para que as coisas aconteçam. A inovação acontece desprovida de finalidade e não há nisso uma preocupação de transformação do mundo, de dar maior liberdade ao ser humano ou fazê-lo se sentir melhor. É preciso inovar para sobreviver num mundo globalizado, que diariamente apresenta ao ser humano novas tecnologias, e faz com que ele acredite ser necessário adquirir o novo simplesmente porque é novo. Essa situação atualiza aquele sentimento de Pascal, descrito acima, de que o finito acaba sendo aniquilado pelo infinito, resultando disso o nada. Isto é, a inovação não tem fim, e sua tarefa é a de fazer com que o já dado, o já adquirido, se torne obsoleto, descartável, desnecessário. Há nessa concepção de niilismo uma extrema construção e valorização dos ídolos, aquelas ideias que impõem limites à liberdade e vontade de vida. É aquilo que Nietzsche chama como a lógica

do rebanho: seguimento exacerbado às leis da inovação, submissão excessiva ao novo como absoluto, desvalorização da humanidade do ser humano frente ao forte desejo de perfeição. Essa é a lógica de um niilismo negativo.

De fato, há em Nietzsche uma leitura de niilismo como esse exagero de certezas, de verdades e ideais. Mas esse é um dos aspectos do que Nietzsche caracterizou, em *Fragmentos póstumos* (2006c), como “uma consequência da interpretação moral do mundo” (fragmento 7[43], p. 219), e que Deleuze em *Nietzsche e a filosofia* (1976, p. 69) chamou niilismo negativo,¹¹ porque se pauta na vontade de negar a vida em detrimento de verdades superiores. Nos dizeres de Nietzsche (2017c, §5, p. 150-1):

O niilismo como condição psicológica aparecerá, em segundo lugar, logo que se estabeleça uma *totalidade*, uma *sistematização*, e também uma *organização* em tudo que sucede e atrás de tudo o que sucede, de forma que a alma, sedenta de respeito e admiração, navegará na ideia de um domínio e de um governo superiores [...]. Uma espécie de unidade, forma qualquer do ‘momento de profunda conexão e dependência frente a frente a um todo que lhe é infinitamente superior, sente-se a forma material da divindade.

No fundo, há um medo de que esses ideais que organizam, mesmo que às avessas, a vida do sujeito, deixem de responder aos acontecimentos cotidianos. Isto é, a dependência psicológica de alguém, ou, nesse caso, de um ideal, que decida pelo sujeito e sustente suas ações, é no fundo, um sufocamento da capacidade desse sujeito. É o que também se pode chamar valor de nada ou vontade de nada, uma vez que a crença nos valores absolutos torna insignificante e vazia toda a vontade do ser humano (Deleuze, 1976, p. 69). É certo que o niilismo hermenêutico de Vattimo não é a afirmação dessa compreensão de niilismo enquanto negação do sentido, da vida e dos valores, que resulta na afirmação desse nada como

¹¹ Na obra *Nietzsche e a filosofia* (1976), Deleuze faz a distinção de quatro tipos de niilismo no pensamento nietzschiano. São eles: 1) Niilismo negativo: a negação do mundo real em detrimento de um mundo superior, uma vida além. Quando o sujeito religioso nega a vida e seus prazeres esperando, como garantia, uma vida eterna no paraíso. 2) Niilismo reativo: é a perspectiva de que é possível um novo mundo, reativo a esse atual cheio de imperfeições. Não é a defesa de uma vida fora desse mundo, como o paraíso cristão, mas um mundo ideal que se realizaria como novo. 3) Niilismo passivo: Esse niilismo se pauta na proclamação da Morte de Deus fazendo valer a ideia de que um mundo ideal futuro é impossível. O mundo que existe é o mundo presente, no entanto, ele não tem nenhum sentido. 4) Niilismo ativo: O niilismo da afirmação de si, da criação de valores e que o mundo é entendido como o lugar em que a vida se manifesta e se expande através da criatividade, da poetização e fabulação.

uma verdade. O filósofo de Turim defende que a ideia de niilismo herdada por ele do pensamento de Nietzsche e Heidegger “é a perda da crença em uma verdade objetiva em favor de uma perspectiva que concebe a verdade como efeito de poder” (Vattimo, 2004, p. 132).

O NIILISMO SEGUNDO VATTIMO: DA METAFÍSICA À INTERPRETAÇÃO

Propõe-se aqui caracterizar em três etapas o niilismo na filosofia de Gianni Vattimo. Vale lembrar que essa divisão foi realizada por Frederico Pieper em sua tese *A vocação niilista da hermenêutica, Gianni Vattimo e Religião* (2007). Segundo ele, é possível reconhecer três aspectos do niilismo na filosofia de Vattimo, dois deles expressos na frase de Nietzsche: “Não há fatos, somente interpretação; [...] isto já é uma interpretação” (Nietzsche, 2006c, fragmento 7[60] p. 222), e o terceiro aspecto que está ligado à história do enfraquecimento do ser (Pieper, 2007, p. 11-12). Como se vê, essas três perspectivas do niilismo são indissociáveis uma vez que tratam do enfraquecimento da hermenêutica garantido pela abertura à pluralidade advinda da eventualidade do ser que se dá no acontecimento histórico. Diante disso, é metodologicamente necessário um estudo pormenorizado desses aspectos apresentados por Pieper.

A afirmação de Nietzsche deve ser dividida em duas partes. A primeira delas é aquela em que o autor defende que não existem fatos, mas somente as interpretações. E tais interpretações, segundo a hermenêutica de Vattimo, não devem pretender a exclusividade da verdade nem mesmo a aproximação do ponto de vista do autor, porque ao invés de reafirmar uma interpretação mais “verdadeira”, a hermenêutica valoriza a experiência do mundo feita pelo intérprete. Como afirma Pieper (2007, p. 11), “para Vattimo, estamos presos na rede da tradição, da qual herdamos uma linguagem que determina a organização dos entes. Esta rede tem sua maleabilidade, pois não possui a autoridade metafísica do fundamento”. É daí que a diversidade de interpretações se torna possível, já que diversas são as tradições, diversos são também os indivíduos que experimentam e vivenciam essa tradição. De modo que não somente são plurais os pontos de vista acerca de determinados acontecimentos ou textos, mas também, são tão diversas, numa mesma cultura, as interpretações, porque vários são os olhares sobre a realidade. Todavia, essa liberdade de interpretação comporta riscos e responsabilidades, não devendo ser feita em vistas de uma dominação de outrem, ou mesmo, de uma imposição da verdade, posto que o niilismo é a superação desse tipo de

interpretação repleto de regras que visam alcançar a única verdade de um texto, e como quer Dilthey, com uma função fundante para as ciências da compreensão (Grondin, 1999, p. 30).

O fato de a verdade ‘em si’ ser inalcançável ou objetiva, faz também com que o ser humano perca seu lugar de sujeito e, assim, sua exclusividade interpretativa. Desse modo, todo enunciado só tem sentido num determinado contexto e segundo uma perspectiva que é definida pela linguagem herdada. Linguagem, aqui, pode ser entendida como aquilo que direta ou indiretamente influi sobre o ser humano, ou seja, se ele adotar uma perspectiva religiosa, cultural, biológica, política ou de raça para entender determinados acontecimentos, eles ganham sentido e só fazem sentido a partir dessa perspectiva. Nessa lógica niilista, Vattimo aponta não somente para o posicionamento interpretativo do indivíduo, mas também, elabora uma crítica ao conceito de verdade como evidência, como fato. Sendo impossível reproduzir um fato em sua plenitude, novas interpretações se apresentam como possibilidades, posto que o fato se apresenta como abertura diante da qual o intérprete se abre às múltiplas facetas do acontecimento e da eventualidade. Isso caracteriza o modo como a hermenêutica também supera a metafísica e a redução que ela faz da hermenêutica a uma filosofia da cultura. Para Vattimo, a hermenêutica não pode ser pensada metafisicamente por que ela considera a historicidade e trata do acontecimento como aquilo que continua sempre a comunicar sentido ao intérprete.

Em que medida afirmar a não existência dos fatos, mas somente das interpretações, não seria também a constatação de um fato? Em outras palavras: o que permite a proposta de Nietzsche não ser um pressuposto de verdade metafísica? É aqui que a segunda afirmação da fórmula nietzschiana deve ser analisada: ‘Isso também é uma interpretação’, e Nietzsche só pode fazer tal enunciado em consonância com o anúncio, já feito, da morte de Deus. Segundo Vattimo (1999, p. 19), esse “anúncio da morte de Deus é realmente um anúncio: ou, nos nossos termos, o registro de um curso de eventos no qual estamos envolvidos, que não descrevemos objetivamente, mas que interpretamos”. É assim enquanto anúncio, e a partir dele, através da hermenêutica que se torna possível distanciar de qualquer pretensão de verdade evidenciando a eventualidade do ser. Esse esvaziamento ilustra aquilo que Vattimo entende como hermenêutica niilista e sua importância para a compreensão da atualidade.

Se a hermenêutica fosse apenas a descoberta do fato de que existem perspectivas diferentes sobre o 'mundo', ou sobre o 'ser', ficaria confirmada exatamente a concepção da verdade como um espelhamento objetivo dos estados de coisas (neste caso, do fato de que existem múltiplas perspectivas...), que, ao invés, a filosofia da interpretação rechaça (Vattimo, 1999, p. 21).

Nesse sentido é que se pode entender a fabulação defendida por Nietzsche, na qual "o mundo verdadeiro" dá lugar à interpretação que nunca se completa, porque há uma infinidade de possibilidades de interpretações. Em *A gaia ciência* (2017a), Nietzsche ridiculariza as pretensões de reduzir a verdade a um único ponto de vista. Ao dizer do 'novo infinito' que se abre ao ser humano pela interpretação, o autor sustenta a consideração de que não está a afirmar uma verdade metafísica ao considerar que não há fatos, mas somente interpretações e 'isso também é uma interpretação'. Segundo ele, "o mundo, para nós, voltou a se tornar 'infinito'; não podemos lhe recusar a possibilidade de *se prestar a uma infinidade de interpretações*" (Nietzsche, 2017a, §374, p. 256) e conclui: "Existem demasiadas possibilidades de interpretar esse desconhecido *sem deus*, de interpretá-lo com o diabo, com a estupidez ou com a loucura, – sem contar com nossa própria maneira, essa interpretação humana, demasiado humana que conhecemos!" (Nietzsche, 2017a, § 374, p. 256). Essa infinidade, oposta ao modo como Pascal a compreende, não é angustiante, mas garantia de entusiasmo e liberdade.

Assim é que a hermenêutica se torna coerente consigo mesma quando tenta fugir aos determinismos metafísicos: sendo uma abertura infinita às diversas proveniências, aos diversos intérpretes e às tantas épocas nas quais acontece. A verdade da hermenêutica está no fato de ser ela interpretação, mas não uma objetivação de eventos. E essa verdade, diferentemente das verdades metafísicas, não é determinista porque é sabedora de que é apenas uma interpretação, dentre tantas outras. Isso é niilismo, "a 'desvalorização dos valores supremos' e a fabulação do mundo: não existem fatos, só interpretações, e também esta é uma interpretação" (Vattimo, 1999, p. 25) por isso, "a história de um 'longo adeus', de um enfraquecimento interminável do ser" (Vattimo, 1999, p. 26). Assim, é cabível perguntar: se tudo é interpretação e isso também é uma interpretação, não seria Vattimo um niilista no sentido anteriormente exposto? Quer dizer, Vattimo não nos lança no beco sem saída da nadificação? De certo que não, tendo em vista que o mundo não encerrado em verdades dogmáticas não pode se fazer dogmaticamente um nada. Não se torna pressuposto da in-

interpretação lançar o ser humano no obscurantismo do nada absoluto. A interpretação realizada por um indivíduo, diferente e, talvez, oposta à de um outro intérprete, não nega a verdade enquanto possibilidade, mas aponta para um seu novo modo de ser: uma verdade contextualizada, localizada, encontrada a partir das condições do intérprete: seu mundo, sua cultura, seu tempo, seu lugar etc.

Nesse sentido, é que se pode então entender o terceiro aspecto da compreensão de Vattimo sobre esse termo: o niilismo ligado à história. Em termos gerais, esse niilismo é entendido a partir do fim da ideia de progresso como um acontecer linear e gradual da história que levaria ao fim da concepção de história¹², e que abre a possibilidade da pós-modernidade e do niilismo como história do enfraquecimento do ser. Segundo Pieper (2007, p. 12), “a pergunta pelo ser, que o transformou em ente, tende à dissolução deste ser entificado nas suas formas mais sagradas e absolutas”. Essa confusão entre ser e ente acaba por fazer com que tudo o que há de mais elevado e absoluto seja rebaixado. “É neste sentido que Heidegger entende, e Vattimo concorda, que a essência da metafísica é o niilismo” (Pieper, 2007, p. 12). Assim, a história do Ocidente é propriamente uma história de enfraquecimento das estruturas metafísicas e da diferença entre ser e ente. Essa atitude de pensar a diferença entre ser e ente acontece mediante a ontologia da atualidade, uma vez que conceber a história do ser a partir do enfraquecimento é uma tentativa de interpretar a atualidade com sentido, e mediante a *Andenken*¹³, a rememoração, do ser e de sua diferença com o ente e da ontologia da atualidade. Ou seja, aquela forma de pensar da metafísica, que culmina no

¹² Vattimo faz questão de enfatizar que sua teoria sobre o fim da história não é uma teoria apocalíptica que caracteriza, em muitos aspectos, algumas das formas de pensar a atualidade a partir do pessimismo que gira entorno de acontecimentos recentes como a corrida armamentista, os problemas ambientais etc. Trata-se do fim da história compreendida como progresso e linearidade. Na obra *Em que creem os que não creem?* Umberto Eco aponta esse aspecto apocalíptico, que compreende o fim da história como sinônimo de fim do mundo, como sendo os “movimentos políticos e sociais, de cunho laico e até mesmo ateus, que pretendiam apressar violentamente o fim dos tempos não para dar realidade à Cidade de Deus, mas a uma nova Cidade Terrena” (2016, p. 14). O autor caracteriza esse pensamento do fim dos tempos como caracteristicamente “típico do mundo laico” uma vez que o mundo laico é, segundo ele, obcecado por essa ideia, mesmo que de uma forma velada (Eco, 2016, p. 15).

¹³ *Andenken* em Heidegger tem o sentido daquilo que é lembrado. Um lembrar que não presentifica o que se relembra, mas compreende-o como algo já realizado, que passou. De acordo com Vattimo, em *As aventuras da diferença* (1988), “O *Andenken* pensa o ser como diferença, isto é, como aquilo que difere em múltiplos sentidos: antes de mais, no sentido de que, ao dar-se, não se dá como tal, diferindo, pois, como o que escapa, o que foi, e do qual a proveniência, no seu provir, também sempre se despede; mas difere também sempre como aquilo que é diverso, que na sua não-redução à abertura aberta a difere, na medida em que a desloca, a suspende (a faz depender) no seu carácter peremptório de presença” (Vattimo, 1988, p. 132).

mundo da técnica, em que o ser aparece como ser-representado, trazido à consciência mediante o uso de métodos experimentais e que evidencia o papel do ser como essência e fundamento. Disso a metafísica supõe já não ser mais necessário pensar o ser uma vez que sua clareza está dada em sua fundamentação do real. Vattimo, contudo, afirma que “é necessário deixar perder o ser como fundamento, permanecendo sem nostalgia no interior dos ‘jogos’, assumindo finalmente a tarefa de promover as múltiplas técnicas da razão” (Vattimo, 1988, p. 121). Assim, fica evidenciada a relação intrínseca entre esses três aspectos do niilismo em Vattimo, posto que, neles, a questão hermenêutica parece dar respaldo para a crítica de uma história, de uma linguagem e concepção de mundo fixada pelos ditames metafísicos. Questionar os fundamentos últimos é tarefa de um pensamento pós-moderno e, por isso, pós-metafísico, em que o ser se dá como dom, gratuidade. “Um dar que dá apenas a sua oferenda e que, ao fazê-lo, contudo se retrai e se subtrai a si mesmo” (Vattimo, 1988, p. 122). Como se vê, é assim que se constitui o caráter epocal do ser, isto é, seu acontecer, que não se esgota na objetividade, mas que, permitindo que as coisas sejam, permanece ao mesmo tempo em si, não podendo ser apreendido em sua totalidade e tornado fundamento objetivo do real (Vattimo, 1988, p. 123).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente a tais reflexões colocamos as seguintes questões: Seria o niilismo uma solução para se sair da metafísica? O niilismo permite fugir ao irracionalismo ao qual o pensamento poderia estar fadado com o fim dos fundamentos? Da perspectiva de Vattimo, sim. Aqui o niilismo é a situação do ser humano pós-moderno que não se silencia diante da superação da metafísica, pois se assim fosse, estaria encerrada qualquer possibilidade dos acontecimentos no pensamento ocidental, bem como, se recusaria a perceber a pluralidade de possibilidades e de manifestação da eventualidade do ser, e inclusive, da pluralidade religiosa. Desse modo, o niilismo é que garante ao ser humano assumir seu papel no mundo, não numa posição arrogante de autoridade ou intérprete da verdade, mas numa atitude de rememoração do ser que considera a epocalidade e se desfaz de uma concepção do ser como presença. Esse é, inclusive o papel dessa *Andenken*: rememorar implica pensar o dar-se do ser em determinado momento, e aquilo que é rememorado não está presente, diante daquele que relembra. Nesse sentido é que Vattimo afirma que “o ser apenas pode vir a ser pensado como diferença, logo, num diferir que se opõe à presença do *objectum* da re-presentação”

(Vattimo, 1988, p. 129. Grifos do autor). O rememorar não é presentificar o passado, mas compreendê-lo como algo que já se realizou e, que de certo modo, continua a nos tocar, quiçá, a nos influenciar, ou no sentido de não querer repeti-lo, ou também no sentido de sempre querer atualizá-lo. Isso posto, o rememorar é relevante para o ser humano pois, se a linguagem determina seus horizontes de compreensão e a linguagem é historicamente constituída, então essa história molda a maneira como se faz a experiência das coisas. No pensamento pós-moderno, época por excelência niilista, o rememorar evidencia não um rompimento com a metafísica moderna, como um simples deixar para trás, mas o estar na memória como abertura. Por sua vez, “pensar como rememorar não significa, efetivamente, estar ligado ao passado” (Vattimo, 1988, p. 131), como se esse fosse um presente não disponível, nem mesmo um voltar a ele numa atitude de gratidão como se houvesse uma presença, um ser do qual o ser humano depende. Pensar como rememoração significa reconhecer o acontecimento do ser no qual se está inserido (Vattimo, 1988, p. 131), bem como sua identificação com a linguagem, como apontou Gadamer. Nesse sentido, o *Andenken* remete o ser humano à sua finitude, dando a ele clareza de sua mortalidade. Esse é o modo, inclusive, com que o ser humano, pós-metafísico, pode fugir aos fundamentos, uma vez que ele percebe, a partir da própria finitude, que na história o que existe é a continuidade. Percebendo sua finitude, o ser humano capta a peremptoriedade das coisas e, assim, reconhece que não pode ‘ser’ verdadeiramente, visto que se encontra em meio às incertezas, afetos, esperanças e projetos que podem ou não se concretizar.

Essa situação é ainda mais aguçada por aquilo que fora analisado acima: “Não há fatos, somente interpretações”, uma vez que, somado a todo esse percurso de enfraquecimento do ser que se torna rememoração, “sentimo-nos imediatamente como que perdidos, sem chão sob os pés, e reagimos muitas vezes de maneira neurótica, como que acometidos por um ataque de agorafobia, de medo do espaço livre e incerto que se abre à nossa frente” (Vattimo, 2016, p. 24). Com isso, vislumbra-se o caráter hermenêutico do pensamento rememorante que recorda a eventualidade do ser como no modo de um acontecimento partilhado com os outros, e não como uma correspondência com as coisas. Assim, a rememoração é uma abertura para a infinidade de interpretações que caracterizam o ser e a verdade como inesgotáveis e indetermináveis. Isso porque, como aponta Heidegger em *Sobre a essência da verdade* (1979b), essa abertura resulta da própria liberdade que é a essência da

verdade (Heidegger, 1979b, p. 140). Por isso, o niilismo se caracteriza como sendo a situação da pós-modernidade e o próprio modo de o ser humano existir nessa pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que creem os que não creem?* 18° ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GRONDIN, Jean. Vattimo's latinization of hermeneutics: why did a Gadamer resist postmodernism? In: ZABALA, Santiago. *Weakening Philosophy: Essays in Honour of Gianni Vattimo*. London: McGill-Queen's University Press, 2007. p. 203-216.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a essência da verdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1979b. (Coleção os pensadores).
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2005.
- NIETZSCHE, Frederich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: La Fonte, 2017a.
- NIETZSCHE, Frederich. *Fragments póstumos*. Madri: Tecnos, 2006.
- NIETZSCHE, Frederich. *Vontade de potência*. Petrópolis: Vozes, 2017c. (Vozes de Bolso).
- PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- PIEPER, Frederico. *A vocação niilista da hermenêutica: Gianni Vattimo e religião*. Tese de doutorado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.
- VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar*. Lisboa: Relógio D'água, 1998.
- VATTIMO, Gianni. *Adeus à verdade*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- VATTIMO, Gianni. *As aventuras da diferença: o que significa pensar depois de Nietzsche e Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche: Ensaios 1961-2000*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- VATTIMO, Gianni. *Ética de la interpretación*. Barcelona: Paidós, 1991.
- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Heidegger*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- VATTIMO, Gianni. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VATTIMO, Gianni. *Para além da interpretação: o significado da hermenêutica para a filosofia*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. São Paulo: Loyola, 1999.

ZABALA, Santiago (org). *Weakening Philosophy: Essays in Honour of Gianni Vattimo*. London: McGill-Queen's University Press, 2007.

ABSTRACT:

this paper analyzes the concept of nihilism. From so many understandings, we seek to present the process of the weakening of absolute truths that result in new possibilities of experiencing religion, especially Christianity. Based on bibliographical research on Gianni Vattimo's works, other contemporary authors have been dialogued to understand the eventuality process of being and the dissolution of values and metaphysical truths that sustain certain philosophical and religious fundamentalism and dogmatism. For this, it is important to appreciate the hermeneutics role in this opening process to plurality and language as a guarantee for life meaning and existence.

Keywords: Nihilism; Weakening of being; Hermeneutics; Plurality.

Recebido em 06/03/2022

Aceito para publicação em 20/04/2022